

Banco Mundial poderia evitar os impasses

por Maria Clara R. M. do Prado
de Brasília

Tanto o secretário especial para assuntos econômicos do Ministério da Fazenda, Luís Gonzaga Belluzzo, quanto o ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen qualificaram ontem como promissora a idéia de o Banco Mundial atuar, como banco de segunda linha, no processo de reestruturação da dívida externa dos países em desenvolvimento.

"Como co-financiador desta dívida, a presença do Banco Mundial poderia evitar a tendência de impasse sempre presente no jogo restrito da negociação entre bancos e países em desenvolvimento,, observou o professor Mário Henrique Simonsen, para quem não existe hoje a menor possibilidade de os credores concordarem com novos empréstimos ao Brasil, no curto prazo, para financiar o pagamento dos juros ex-

ternos. Belluzzo concordou com ele: "Existe uma dificuldade clara para obtenção de dinheiro novo".

No momento, Simonsen recomenda um esquema de consolidação do principal da dívida — nos moldes como vinha sendo negociado pelo governo brasileiro —, desde que no contrato não haja nenhuma cláusula que limite o acesso do País a novo empréstimos. "No futuro, alguma forma de dinheiro novo tem de vir." Chamou a atenção para as preocupações que atualmente permeiam os gabinetes do Federal Reserve Board (banco central dos Estados Unidos), a partir de estudos que apontam para uma dívida externa norte-americana de US\$ 1,3 trilhão em 1990, a continuar a tendência de aumento do déficit comercial externo do país. "Aí estaremos vivendo uma situação estranha no mercado financeiro internacional", disse ele.